

Aprendendo a tecer do avesso

Por Felipe Gustavo Koch Buttelli*

Resumo:

Este artigo visa trazer uma abordagem diferenciada para a reflexão sobre as coerções sociais e imposições de papéis sociais distintos a mulheres e homens. Para isso, faz uso de uma estória infantil, da *Tecelina*, personagem mulher que promove uma ruptura com a cultura das mulheres de sua família. A interpretação desta história faz uso de elementos da sociologia e da reflexão de gênero para apresentar uma proposta alternativa de ruptura com a tradição androcêntrica para dentro do universo da teologia. Analisando a história do rompimento com uma tradição familiar vivida pela Tecelina, formulam-se perguntas a respeito da história de mulheres e vislumbram-se alguns caminhos, sugeridos pela própria estória infantil, para a construção de novos modos de ser femininos e masculinos. Por isso, este texto quer ser uma pequena contribuição para a prática existente em nossas igrejas e para o discurso teológico.

Palavras-chave:

Hermenêutica infantil – Gênero – Ruptura – Papéis sociais

1. Uma proposta inadequada?

Este pequeno esboço de reflexão não se adapta perfeitamente aos padrões de publicação científica. É um pouco diferente. É diferente porque tenciona interpretar criativamente uma estória infantil. Ora, poucas vezes no meio acadêmico teológico podemos encontrar uma hermenêutica que incida sobre obras do campo da literatura. Se isto já é difícil, quem dirá uma hermenêutica teológica de uma estória infantil? Por isso, esta abordagem é conscientemente inadequada à nossa maneira de fazer ciência. Acredito que ela não seja menos científica. Acho até que, em nível de profundidade, pode ir além do que muitos trabalhos que não se envolvem com o elemento da paixão, da criatividade e da esperança incorporada no discurso.

* Felipe Gustavo Koch Buttelli é teólogo brasileiro, mestrando em Teologia no Programa de Pós-Graduação da EST, e direciona sua pesquisa na Teologia Prática à área da liturgia, do gênero e da sociologia. Bolsista do CNPq.

Esta proposta também é inadequada pelo fato de considerar passível de uma averiguação científica manifestações culturais artísticas das mais diferentes ordens. Considero, dando atenção a este tipo de hermenêutica, ser o campo destas manifestações, talvez, aquele que mais profundamente e mais convincentemente expresse verdades necessárias e emergentes, superando a esterilidade do discurso teórico frio e desengajado. Esta proposta é, portanto, pretensiosa por querer inovar e *tecer* com outros fios a nossa história, nossa maneira de ver o mundo, propriamente teológica, podendo ter a própria teologia *retecida*, e, por fim, talvez um pouco mais capaz de interagir criativamente com o mundo, à procura de novas maneiras de vivenciá-lo.

Pelo fato deste tipo de análise ser bastante incipiente e experimental, ela estará também exposta a uma série de críticas, certamente pertinentes, o que espero, no entanto, não apagar a riqueza e profundidade da estória infantil em si, nem o pouco a contribuir que esta hermenêutica teológica, numa perspectiva de gênero, oferecerá.

2. Um pequeno resumo da estória

O objeto desta análise é o livro infantil escrito por Gláucia de Souza, ilustrado por Cristina Biazetto, chamado *Tecelina*¹. Pelo fato de o livro ser relativamente extenso e por virtude dos direitos de publicação será possível apenas resumirmos a estória. Recomendamos, no entanto, a leitura do livro. Tanto pela sua profundidade e pela beleza enriquecedora das ilustrações, como para fins de compreender melhor esta leitura teológica do texto.

¹ SOUZA, Gláucia de. *Tecelina*. Ilustrações de Cristina Biazetto. 4. ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2007. 40p.

Inicialmente, a autora quer contar a história da Tecelina, mas para isso precisa retornar a remotos tempos da família desta personagem, para compreendê-la melhor. Ela precisa retornar à “[...] avó da avó da avó [...] porque, naquela família, as coisas se repetiam [...]”².

A primeira personagem é dona Gertrudes, que morava no interior e, para sua família não passar frio, tecia roupas de inverno. Tecia dia e noite, até que nasceu sua filha. A filha, conforme o pai, tinha “cara de Gertrudes”³, por isso, foi chamada também de Gertrudes, mas tinha o apelido de Tudinha. A Mãe, dona Gertrudes, continuava tecendo, até que sua filha casou e ganhou de presente todo o enxoval tecido pela mãe, que disse: “O que foi tecido é presente”⁴.

Assim continuou por algumas gerações: nasceram Dinha, Nhãnhã e Didi. Todas se chamavam Gertrudes e teciam enxovais para suas filhas. Até que nasceu Tude. Tudo que ela tecia saía do avesso, se queria tecer uma coisa, saía outra. Tude era diferente. Ela casou-se com Técio, que gostava da maneira como ela tecia e que aprendeu com ela a tecer um pouco do avesso também. Os dois receberam o enxoval da mãe de Tude que disse “o que foi tecido é presente”, mas preferiram decorar sua casa com aquilo que eles mesmos teciam.

Ao nascer a filha de Tude e Técio, todos queriam que ela se chamasse Gertrudes, mas Tude preferiu chama-la de Tecelina, pois parecia com todos e com o Técio. Tecelina foi crescendo e aprendendo a tecer do avesso com Tude e Técio. Quando Tecelina noivou, Técio e Tude teceram um enxoval para ela, e, ao dá-lo, Tude se atrapalhou e falou: “O que foi Tecido é passado”. Todos riram e Tecelina acabou não se casando.

² SOUZA, 2007, p. 7.

³ SOUZA, 2007, p. 10.

⁴ SOUZA, 2007, p. 11.

Tecelina vivia sozinha em sua casa, que era bem diferente. Tudo era colorido e tecido por ela própria. Ela tecia suas coisas aos pouquinhos e desfazia, só pra fazer de novo. Ela também usava pedacinhos de fios que sobravam. Na frente da casa havia uma árvore, para a qual Tecelina, cada dia, tecia um fruto diferente, sendo um dia pirulito, outro chocolates, outro balas, etc. Como ela era meio do avesso, tecia coelhos brancos para o natal e parecia não levar em conta muito as noções de tempo.

Tecelina tecia sempre aos pedacinhos, lentamente, desfazendo tecidos para poder fazer de novo. Certa vez ela tinha uma vizinha que estava grávida e resolveu tecer sapatinhos de lã para o bebê. Ela teceu tantos pés esquerdos rosas que a linha acabou e ela teve que usar, então, linha amarela para os pés direitos. Toda a vizinhança gostou e muitos correram para comprar de Tecelina, achando que era moda ou superstição.

Certa vez lhe bateu um chinês na porta e se apaixonou por ela. Eles sentaram-se para tomar chá e conversaram por muitos anos. Até que ele teve que ir embora. Tecelina não gostou de ficar sozinha e queria tecer um caminho para chegar até a China.

Outra vez, ela ouviu que abriria um shopping center e resolveu tecer chapéus de todos os tipos para as pessoas não esquentarem a cabeça. Assim, quando foi ao shopping, não sabia onde colocar todos seus chapéus. Achando uma mesa livre numa pizzaria, colocou seus chapéus lá. No que vieram os seguranças do local perguntar a ela se era credenciada. Sua resposta foi simples: “Não! Sou Tecelina!”⁵.

Tecelina gostava muito de contar suas histórias e tomar chá. No entanto, as pessoas já não queriam mais ouvi-las, ou porque ela sempre repetia as mesmas histórias ou porque as pessoas não gostavam de chá. As únicas que gostavam de ouvir suas histórias eram as crianças, que não viam problema em ouvir a mesma

⁵ SOUZA, 2007, p. 33.

história muitas vezes. Tecelina se preocupava com o que faria com tanta coisa que ela tecia. Sua preocupação passou quando ela lembrou que tudo que tecia era também retecido. Assim, se alguém não precisasse dos seus panos, poderia destecê-los para tecer de novo. Mas isso só poderia saber quem tece do avesso.

Assim, a autora conclui que aprendeu a tecer do avesso com a Tecelina, que aprendeu com a Tude e com o Técio, que aprenderam com tantas outras pessoas.

3. Uma proposta de interpretação da estória da Tecelina

Esta proposta de hermenêutica cria subdivisões que, a rigor, não existem no texto. O texto é dividido, portanto, em cinco partes. Na primeira, reflete-se sobre a continuidade da tradição da família existente na estória da Tecelina que é projetada sobre a história das mulheres, como um todo.

Num segundo momento é analisado aquilo que se pode chamar de *gênese da ruptura*. Serão expostos os caminhos anteriores à ruptura que não são ainda a própria ruptura.

Posteriormente será abordada a personagem Tecelina. Em sua análise pretende-se compreender todos os fatores que compõem o processo de ruptura que Tecelina efetua e, em alusão, o processo de ruptura histórica das mulheres.

No quarto tópico será analisada a recepção desta ruptura, quais resultados ela pode ocasionar. Em três exemplos da vida da Tecelina, propõe-se averiguar quais são resultados do seu processo de libertação.

Como último ponto, se fará a reflexão a respeito da perspectiva de continuidade deste processo de libertação, de ruptura com o modo de ser das antepassadas da Tecelina. Quem continuará este processo que nela iniciou-se

plenamente? Quais são os requisitos para que haja possibilidade de continuidade neste processo?

A hermenêutica será feita em processo de “costura”. Comentários interpretativos serão efetuados logo após uma citação ilustrativa do próprio texto da Gláucia de Souza.

3.1 Tradição recebida, história repetida: O que é tecido é presente

“Eu sempre gostei de contar história, porque história é que nem fio: a gente tece e o fio cresce, a gente inventa e tudo que a gente tenta se transforma em coisa nova.”⁶

A análise a que me proponho é a de considerar a história como um tecido que foi relegado a nós por uma historiografia que mantêm a mulher enclausurada a determinados papéis. Esses papéis, estabelecidos por uma cultura masculina e masculinizante, nos impedem de enxergar a determinante contribuição das mulheres na história⁷. A opção por uma ficção infantil justifica-se de duas maneiras: a) A dificuldade em si de se empreender uma averiguação linear na história de personagens mulheres e b) o recurso ao romance e fictício como uma abordagem talvez mais verossímil da história de personagens mulheres, enriquecida assim pela imaginação e pela consciência restabelecida da importância destas para a constituição do que somos.

“Essa história começou com a avó da avó da avó... lá no início da família da Tecelina, porque, naquela família, as coisas se repetiam de avó para neto, de pai para filho, geração e geração.”⁸

⁶ SOUZA, 2007, p. 4.

⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 100-106; PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-40.

⁸ SOUZA, 2007, p. 7.

A estória de Tecelina é resultado da transmissão e da continuidade de um modo de ser, supostamente, feminino, o qual se preservava e se incutia na geração seguinte.

“O que foi tecido é presente!”⁹

Pode-se imaginar esta frase, que se repete diversas vezes no texto (e talvez na vida de mulheres), a partir de duas possibilidades de significado: a) o significado explícito – o presente é um dom, um agrado, um presente mesmo, o qual se recebe com gratidão. Acrescenta-se o fato de a filha sempre dizer que não queria o enxoval de presente, quando na verdade havia ficado satisfeita em recebê-lo. Ela, em si, não precisaria tecer seu próprio enxoval (ops! Sua própria história?); b) O significado implícito – O presente como noção de temporalidade. O que foi tecido de geração em geração é entregue ao presente, de forma que nele mesmo, não se possa encontrar novas alternativas de vida.

“Muitas Gertrudes nasceram naquela família. Todas com o nome igual, mas com apelidos diferentes: uma era Tudinha, outra Nhãnhã, mais outra Didi... Todas tecendo e crescendo.”¹⁰

Também as mulheres da história podem ter sido e ser sempre a mesma *Gertrudes* – assim como os homens que as nomeiam. A consagração desde a infância de um modo de ser *Gertrudes* é o instrumento mais poderoso de inculcação¹¹. Quais podem ser eles? A educação familiar? Educação escolar, tradição social, tradição religiosa, etc.? E a pregação, a liturgia e o culto cristão, podem?

⁹ SOUZA, 2007, p. 11.

¹⁰ SOUZA, 2007, p. 13.

¹¹ BOURDIEU, 2007, p. 13-54.

3.2 Tecer do avesso: criando o novo, o diferente

“Até que nasce Tude. Tude era diferente. Passou o tempo, ela aprendeu a tecer, mas o tecido da Tude era uma tristeza! Pelo menos era o que diziam...”¹²

Por acidente (?) Tude tecia diferente! Pode-se, pelo texto, inferir que tecer diferente só pode ser apreciado como algo negativo. Tristeza e que mais sentimentos negativos se pode ter ao ver alguém que rompe com um modo de ser, de tecer? Este diferente pode ser considerado involuntário? Acho que vem da inspiração, Tude é uma artista, inspirada. Será que Deus não faz uso destas inspirações involuntárias para recriar a história humana?

“Tude não parava. Tentava e tecia, mesmo sem saber o que iria sair.”¹³

“A Tude nem pôde acreditar que alguém fosse gostar daquilo que ela estava tecendo. Mas Técio gostou mesmo. Fez o tapete virar bolsa e pendurou no pescoço. Ele ficou tão empolgado que quis logo aprender a tecer. E conseguiu! Só que, como ele aprendeu com a Tude, aprendeu um pouco do avesso.”¹⁴

Seria Técio um novo homem? Como pôde ele gostar do que ela tecia, já que era uma tristeza? Pode-se por aí afirmar, não só a existência da participação de homens na reconstrução da história das mulheres, mas a necessidade de que seja uma obra conjunta. Não se esqueçam que a Gertrudes foi assim nomeada pelo pai, que imputava sobre a menina a semelhança da mãe, a qual tecia como ele gostava. O rompimento com uma cultura pode até acontecer com a militância de mulheres sós, mas nunca será completo sem a participação dos *Técios*, que gostam do que estas mulheres diferentes tecem e as apóiam, sendo eles mesmos desconstrutores de uma cultura específica.

¹² SOUZA, 2007, p. 14.

¹³ SOUZA, 2007, p. 15.

¹⁴ SOUZA, 2007, p. 16.

“O que foi tecido é presente! A Tude aceitou o presente de casamento, mas, depois de casada, usava mesmo as coisas que ela e o Técio teciam.”¹⁵

Na minha leitura, esta frase demonstra que o vínculo com a tradição não pôde ser ainda completamente rompido por Tude. Ela ainda é uma Gertrudes, embora já tenha encontrado o Técio para juntos e dentro de casa tecerem seu próprio enxoval em conjunto. O rompimento com a cultura da família ainda não foi completo, pois Tude ainda se viu na obrigação de receber o enxoval da mãe, ainda que quisesse ela mesma, junto com o Técio, tecer o enxoval para sua própria casa.

“...Tude e Técio teceram uma manta de bebê que parecia um bebê. Foi quando nasceu a filha deles. (...) E queriam que a menina se chamasse Gertrudes também, mas a Tude disse: ‘Se ela parece com todos e com o Técio, vai se chamar Tecelina’”.¹⁶

Tude e Técio conjuntamente criaram a possibilidade para o rompimento com a tradição e cultura, denominada *Gertrudes*. Juntos teceram a *Tecelina*, que foi assim chamada pela negação de sua mãe em continuar vinculada àquele modo de ser.

3.3 Tecer e retecer: a minha história e a tua

“Mas a Tecelina cresceu diferente. Aprendeu a crescer com a Tude e o Técio, por isso, tecia do avesso”.¹⁷

Podemos pensar agora na importância de se aprender a tecer do avesso! E não ver o próprio “avesso” como uma categorização negativa, mas criativa. Aprender a ser do avesso requer a participação de homens e mulheres “avessos” para a construção de maneiras de ensinar e inculcar valores e modos de ser “avessos”. Isto significaria pensar nas instituições sociais do avesso: escola do avesso,

¹⁵ SOUZA, 2007, p. 17.

¹⁶ SOUZA, 2007, p. 17.

¹⁷ SOUZA, 2007, p. 18.

família, imprensa, mídia do avesso, um culto (missa) do avesso e também uma pregação da Igreja do avesso.

“No dia do noivado de Tecelina, foi a vez de Tude com o Técio fazerem o enxoval da filha. Bem que a Tecelina gostou do presente, mas, para não quebrar a tradição, fingiu que queria fazer o enxoval ela mesma.

*Nesta hora, a Tude teria que dizer “o que foi tecido é presente!”, só que ela era mesmo atrapalhada e disse: ‘O que foi tecido é passado’”.*¹⁸

Como alguém vinculado à reflexão litúrgica, eu consideraria este momento um verdadeiro rito de passagem. Pierre Bourdieu os denomina ritos de instituição, pois têm a capacidade de instituir valores¹⁹. Neste momento, o rompimento com uma tradição é ritualizado. Sabemos a importância dos gestos, mas também da palavra falada. Tude e Tecelina representaram (noção de performance²⁰) uma nova realidade. E assim, esta representação tornou-se realidade. Por este fato, no conto, Tecelina perdeu o noivo, que achou tudo muito estranho. Eu atentaria, nesta leitura alegórica que faço, para que consideremos o poder das palavras e gestos que fazemos no espaço do culto, pois, como vimos, esta performance (ou representação) tem o poder de instituir uma realidade – a vigente ou uma nova.

*“Toda vez que Tecelina tecia, usava pedacinhos de linha que sobravam de outros novelos com pedacinhos que ela achava...”*²¹

Às vezes só é possível tecer o diferente usando retalhos perdidos no caminho. Construir é reconstruir fazendo uso dos pedaços de história que estão perdidos e inutilizados. Eu chamo de *insignificantes significantes*.

¹⁸ SOUZA, 2007, p. 18.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *O que Falar quer Dizer: A economia das trocas lingüísticas*. Portugal: DIFEL, 1998. p. 109-121.

²⁰ LANGDON, E. Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas na Antropologia. In. TEIXEIRA, João Gabriel (Org.). *Revista Performáticos, Performance e sociedade*. Brasília: UNB, 1998. p. 23-28.

²¹ SOUZA, 2007, p. 20.

“- O quê? Coelhos brancos para o Natal?

É que a Tecelina não só tecia do avesso: ela mesma era avessa e montava para cada data a festa que queria, a festa que podia. [...] E daí? Ontem será junho, amanhã foi novembro e hoje é hoje. Natal com balões, vem ver...”²²

A alusão à temporalidade e à capacidade de transcendê-la pode estar relacionada com um dom ou um novo modo de ser que recrie o que já existe, que reconheça no que já existe algo novo, diferente. Para mim, isto expressa a necessidade de uma constante ruptura (reforma?) epistemológica, que acarrete uma nova forma de ver o mundo, de nomeá-lo e de fazer uso daquilo que existe nele.

“Tecelina fez cara de isto-eu-já-não-me-lembro e foi então que eu vi o que era tecer em pedacinhos: era voltar e retecer, era pular pedaços, era contar os pontos e as palavras, e, depois, pular de propósito para poder recontar. [...] fazia questão de tecer o presente com o passado e assim o presente parecia outros dias.”²³

Este recondicionamento do tempo, de que Tecelina faz uso, na analogia da ruptura epistemológica que projeto sobre o conto, significa que um novo modo de pensar e de ser nos instrumentaliza a reinterpretar a própria história. Não para fazer uso e tendenciosamente reconstruí-la a favor de minhas idéias, mas para ver nela o que a epistemologia antiga não viu, não olhou, não refletiu e o pior, não escreveu, não registrou – o que dá a falsa impressão de que não existiu.

3.4 Três histórias da Tecelina – três questionamentos

a) Os sapatinhos do avesso que viraram moda: “A vizinhança viu e pensou que aquilo era a moda dos pés descontraçados, ou que o pé direito era diferente do esquerdo para dar sorte e fazer com que o bebê começasse a vida com o pé direito luminoso.”²⁴

²² SOUZA, 2007, p. 23.

²³ SOUZA, 2007, p. 24-25.

²⁴ SOUZA, 2007, p. 26.

Para mim, isto é um exemplo da possibilidade de que este novo modo de ser possa se tornar – ainda que do avesso e diferente – algo atrativo, que as pessoas gostem, e que faça sentido pra elas. Seria a prova de que nem sempre o diferente é ruim.

b) O entrelace das histórias do chinês e da Tecelina. “*A Tecelina começou a contar as suas histórias também.*”²⁵

A ruptura habilita Tecelina também a contar suas histórias. Faz parte do processo de ruptura com a cultura masculina e masculinizante que as personagens que tecem diferente contam suas histórias. Contar uma história diferente é construir um mundo diferente. Dar nomes diferentes a homens e mulheres é, por si só, dar a chance de surgirem homens e mulheres diferentes.

c) A venda dos Chapéus no shopping center. “ ‘*A senhora é credenciada?*’ – ‘*Não! Sou Tecelina!*’”²⁶

O problema do credenciamento é aqui refletido. Não deixa de ser uma questão de reconhecimento e de autoridade. Tecelina, podemos dizer, embora tenha desenvolvido um material que visa ajudar pessoas, por si só não consiste autoridade. Ela e o que ela produz requerem reconhecimento e credenciamento por parte da autoridade²⁷. Mesmo assim, ela cria espaço para oferecer aquilo que é o resultado de seu dom. Esta analogia nos remeteria à reflexão a respeito dos jogos de poder e de reconhecimento de discursos. O discurso novo, de ruptura epistemológica não é um discurso autorizado²⁸. Podemos refletir dentro do campo religioso (espaços religiosos e o discurso teológico) quem são as pessoas que representam a ruptura epistemológica e quem são as autoridades com poder de autorizar ou desautorizar um discurso.

²⁵ SOUZA, 2007, p. 29.

²⁶ SOUZA, 2007, p. 33.

²⁷ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

²⁸ BOURDIEU, 1998, p. 93-108.

3.5 Quem continuará tecendo?

“Passado um tempo, também eu já me lembro daquela e de outras histórias porque quase ninguém mais vai visitar a Tecelina, mesmo quando ela faz chá. Penso que isso acontece porque as pessoas não gostam muito de chá ou não têm tempo de sentar e ouvir histórias repetidas. Só quem gosta de ouvir reprise de histórias são as crianças que lêem dez vezes a mesma história [...] e, quando tecem histórias, tecem do avesso, que nem Tecelina.”²⁹

Neste tocante, gostaria ainda de fazer uma menção aos mecanismos que são estabelecidos para impedir o rompimento com a tradição³⁰. A ridicularização de um discurso taxando-o de repetitivo, desinteressante, “papo de mulher”, o rótulo de machismo às avessas, a ridicularização das personagens que promovem o discurso, as piadas preconceituosas, todas estas são as expressões e o modo de operar de quem não se interessa pela mudança. São as pessoas que não querem ouvir a Tecelina, que podem justificar, dizendo que “não gostam de chá”.

“[...] estava triste. Disse que não sabia onde iria parar tanta coisa que tecia: e se jogassem tudo fora? [...] tudo que tecia era tecido e retecido, por isso, quando ela não precisasse mais de seus panos, alguém iria destecê-los para tecer de novo! Do avesso? Só quem tece é que sabe...”³¹

“Hoje, eu aprendi a tecer também, a tecer meu próprio tecido. E hoje teço do avesso porque aprendi com Tecelina, que aprendeu com Tude e Técio [...] até tecer uma manta ... e virar bebê.”³²

Somente as crianças que ouvem os retalhos de Tecelina serão capazes reconstruir, com aquilo que sobrou, com os pedacinhos insignificantes, uma nova história, cada uma e cada um a sua maneira, mas para isso, tem que aprender a tecer do avesso.

²⁹ SOUZA, 2007, p. 35-36.

³⁰ BOURDIEU, 2007, p. 45-54.

³¹ SOUZA, 2007, p. 36.

³² SOUZA, 2007, p. 38.

4. Considerações finais

Pode alguém ainda questionar-se o que tem de teológica esta proposta de interpretação. De fato, muitos dos conceitos apresentados são utilizados pela sociologia ou pela antropologia. Pode-se afirmar ainda que as constatações aqui feitas não são necessariamente teológicas e que se adaptam mais a uma reflexão na perspectiva de gênero. Nenhuma destas afirmações estaria equivocada, nem mesmo a que considera esta uma reflexão teológica. Talvez, poderíamos afirmar que teológica ela não é, mas evangélica. Evangélica porque ela está em continuidade com um específico modo de interpretar a palavra de Deus, ou seja, libertador.

A estória das sucessivas *Gertrudes* é aqui interpretada como a história das mulheres. O compromisso teológico de proclamar libertação é necessariamente o de proclamar a ruptura com o modo de ser *Gertrudes*. Não que seja necessário evitar novas *Gertrudes*, mas que haja a possibilidade de surgirem *Tecelinas*. Por isso, os esforços da sociologia para identificar como ocorrem as coerções sociais e a reflexão das próprias mulheres para descobrir um novo modo de ser devem coadunar no intuito de contribuir para a vocação teológica engajada de proclamar um outro mundo possível a homens e mulheres. Assim, a estória da *Tecelina* deve ser levada em conta por aqueles que se identificam com uma proposta teológica efetivamente libertadora, já que ela aponta sutilmente para aquilo que muitos homens e mulheres necessitam: a ruptura.